



19 a 21 de novembro de 2014
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

16418 - As Mulheres Camponesas E A Produção Invisível Da Agroecologia

Peasant Women And The Invisible Production Of Agroecology

SILVA, Sandra Procópio da¹; MATOS, Jatene da Costa².

¹Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, sandraprocopio@hotmail.com; ²Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, jateneconstamatos@hotmail.com.

Resumo: O presente artigo procura tecer considerações sobre as mulheres e a agroecologia. Analisa brevemente a condição da mulher camponesa, a origem do conceito de patriarcado como as bases para o processo de invisibilidade na produção de alimentos. Tece considerações sobre o papel que as mulheres possuem na agroecologia, e suas práticas.

Palavras-chave: Mulheres, Produção de Alimentos, Agroecologia.

Abstract: This article aims to present considerations regarding women and agroecology. Analyzes briefly the living conditions of rural women, from the concept of patriarchy as the basis to understand how the processes of work invisibility in the production of food. Also considers the fundamental role that women have in agroecology, from their practices.

Keywords: Women, Food sovereignty, Agroecology.

Introdução

O objetivo de nosso artigo é tecer considerações sobre as mulheres camponesas e seu importante papel como produtoras de alimentos, trabalhadoras do campo, e na maioria das vezes organizadoras da produção dos quintais, dos pomares e das hortas, além da reprodução da vida familiar, como por exemplo, engravidar, cuidar de idosos, doentes, crianças, promover as ações de processamento dos alimentos, cuidados com ambiente, enfim, todas as ações que geram bem estar para o conjunto do núcleo familiar.

Neste contexto, também salientamos que a trajetória das mulheres camponesas está entrelaçada com os aspectos do patriarcalismo, cujo sistema historicamente está baseado na noção da mulher como propriedade do homem, e como consequência prevalecem várias formas de machismos nesse universo simbólico e também nas práticas cotidianas no mundo camponês. Assim sendo, a invisibilidade dos processos de produção de alimentos conduzidos por mulheres,



19 a 21 de novembro de 2014
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

também podem ser considerados como parte do sistema patriarcal, que torna o trabalho da mulher camponesa desvalorizado e reforça o estereótipo de que as mesmas são atrasadas e incapazes.

De outro lado também as mulheres camponesas tem sido as principais guardiãs da biodiversidade, multiplicadoras de espécies, e também possuem em coletivo um conjunto de conhecimentos que podemos chamar de agroecologia.

Metodologia

Nossa pesquisa é parte do trabalho de campo que desenvolveu-se com mulheres do Assentamento Emerson Rodrigues, Município de Terenos, Mato Grosso do Sul. O Assentamento possui 166 famílias assentadas, das quais pesquisamos dez por cento para nosso trabalho. As famílias entrevistadas são vinculadas ao Movimento dos Sem Terra. Entrevistamos mulheres, organizamos rodas de conversas, fizemos observação participante, e também aplicamos questionários semiestruturados.

Resultados e discussões

a) *As mulheres como produtoras de alimentos agroecológicos*

A situação das mulheres camponesas possui determinadas semelhanças na sua forma de viver e de produzir em várias partes do mundo. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), “no mundo há mais de 600 milhões de mulheres rurais, a maioria agricultoras, que representam mais da quarta parte da população mundial” (SENRA; LEÓN, 2009, p. 21), embora, contraditoriamente, “as mulheres, em nível mundial, somente dispõem de 1% de terra”. Para as pesquisas da Via Campesina:

As mulheres camponesas são as produtoras dos principais cultivos básicos em todo o mundo: arroz, trigo e milho, que proporcionam até 90% dos alimentos que consome a população empobrecida das zonas rurais. No sudeste da Ásia, as mulheres representam até 90% da mão de obra necessária ao cultivo de arroz. Na África subsaariana, as mulheres produzem até 80% dos alimentos básicos para o consumo familiar e venda, elas cultivam até 120 espécies vegetais diferentes nos espaços livres junto aos cultivos comerciais dos homens. As mulheres realizam de 25% a 45% das fainas agrícolas em Colômbia e Peru. Em algumas regiões andinas, as mulheres estabelecem e mantem os bancos de sementes do qual depende a produção de alimentos. Em Ruanda, as mulheres são as produtoras tradicionais de judia, conhecidas como a “carne” do campo, que aportam uma quarta parte das calorias e quase a metade das proteínas que ingere a população. As mulheres constituem 53% da população trabalhadora agrícola no Egito (SENRA; LEÓN, 2009, p.22).

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

Ainda que a maioria das mulheres estejam produzindo alimentação em diversos lugares do planeta, necessariamente, não significa que são as mesmas que estão conduzindo processos de tomada de decisões sobre o que produzir e como produzir. Para Nalu Farias e Mirian Nobre (1997, p. 15), “as mulheres executam 2/3 do trabalho realizado pela humanidade, recebem 1/3 dos salários e são proprietárias de 1% dos bens imóveis. Dos quase 1,3 bilhão de miseráveis no mundo, 70% são mulheres”.

As pesquisas conduzidas pela Via Campesina revelam que a agricultura no mundo inteiro, tecida pelas mãos das mulheres, tem acontecido no sentido de promover fundamentalmente o combate à fome, principalmente nas áreas rurais. São as mulheres que coordenam a produção dos quintais, composto pelos alimentos que garantem o sustento imediato da família, seja pela horta e pelas frutas, pelos grãos ou pela criação de animais. As mulheres camponesas têm materializado em suas ações e práticas, os vários princípios da agroecologia. Têm executado funções importantes como produtoras de alimentos, guardiãs dos recursos naturais, cuidadoras da nutrição das famílias, selecionadoras de importantes técnicas alimentares alternativas, e várias outras funções que passam pelo campo da produção, processamento e multiplicação de alimentos. Geralmente são as mulheres que tem tido o cuidado de garantir alimentação com qualidade, que perpassa pelo acesso aos produtos sem venenos, com qualidade para as famílias. Todavia, esse trabalho da mulher camponesa, tende a ser “invisibilizado” dentro do modo de produção capitalista.

No que se refere ao trabalho das mulheres em geral, não somente das camponesas, há um conjunto de atividades em que elas tem se mantido como organizadoras dentro do espaço familiar, cujas tarefas não são percebidas muitas vezes nem mesmo por elas mesmas como trabalho. As tarefas que proporcionam bem estar ao núcleo familiar como os cuidados com os idosos, as atenções especiais às crianças, a *organização* do espaço da família, não são contabilizados. Conforme Paulilo (2013, p. 295) a compatibilização entre os bens e serviços que passam pelo mercado e os que não passam “requer a descoberta de uma medida comum entre eles, o que é dificultado por três tipos de problemas: definição do que é trabalho; medição do tempo de trabalho; e atribuição de valor aos distintos tipos de trabalho”.

b) *O patriarcalismo e o trabalho invisibilizado das mulheres camponesas*

As reflexões realizadas pelas mulheres da Via Campesina¹, que reúne mulheres de vários movimentos sociais, vem recolocando o tema do feminismo como um debate necessário dentro das lutas de classes. É neste âmbito que

¹ A Via Campesina é uma organização mundial de movimentos sociais de camponeses e camponesas, que se articula e promove formação, mobilizações para lutas comuns, e campanhas mundiais, entre outras atividades. No Brasil é composta pelo MAB, CPT, MST, CIMI, MPA, MMC.



19 a 21 de novembro de 2014
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

consideramos fundamental colaborar para dar visibilidade à produção de alimentos coordenada pelas mulheres, e refletir o como produzem a partir da agroecologia nas suas práticas cotidianas. Para uma metodologia que contemple a totalidade da realidade, é fundamental que nossas análises tenham o recorte de gênero a partir de uma perspectiva feminista, que supera o sentido de neutralidade política.

Nesta perspectiva, as lutas de várias mulheres em todos os cantos do mundo, na ótica de transgredir o que é considerado “normal”, tem contribuído para questionar o modo de organização do modelo da sociedade onde vivemos, especialmente no que tange as diferenças entre direitos para os homens em detrimento dos direitos das mulheres. E, portanto, estas lutas têm ousado questionar os mecanismos que estão por traz da manutenção desta ordem social de viés patriarcalista. É importante saber que nem sempre o mundo foi assim organizado, da forma que é hoje. No caminho contrário ao pensamento hegemônico, estas lutas de homens e mulheres vêm questionando e organizando variadas formas de contribuir para a

desnaturalização das desigualdades que as ideologias dominantes nos apresentam como verdades históricas, e que necessitamos problematizar profundamente se pretendemos que nossas revoluções percorram onde propusermos abolir toda forma de opressão e exploração (FABRI, 2011, p. 173).

Por patriarcalismo, na analogia que o próprio nome sugere, compreendemos o conjunto das relações que estão estruturadas sob a responsabilidade do pai ou homem adulto, é anterior a consolidação do sistema capitalista, e possui em torno de seis mil anos na história da humanidade, segundo Saffioti (1987). Para Mafort, isso expressa-se no machismo que “é a expressão da ideologia dominante, da dominação de classes transposta ao cotidiano das relações entre homens e mulheres, na dominação da mulher pelo homem” (2013, p. 100).

Nessa perspectiva, é importante salientar que a origem da família patriarcal monogâmica tem raízes desde a Grécia Antiga, tem fundamento na propriedade: “defender a unidade da propriedade é a razão da manutenção da unidade familiar. Desde seus primórdios, a família se constituiu como elemento essencial das forças produtivas, mulher e filhos são subordinados ao pai/proprietário (SILVA, s/d, p. 7).

Segundo Farias (2013, p. 396) nesse sistema “há ações dos dois lados: da mesma forma em que há o poder e a dominação de homens alicerçados no controle sobre as mulheres, há outro poder, que se gesta mediante as formas de resistência, a resistência dessas mulheres”.

O modelo patriarcal que se impõe sobre a estrutura organizacional de toda a sociedade leva-nos a “naturalizar” as relações sociais de modo desigual entre homens e mulheres, também explícito nas relações do mundo do trabalho. Um dos desafios é caracterizar o que é trabalho e o que não é trabalho; outro desafio é medir o tempo de trabalho e os demais tempos que se gasta com educação e lazer,

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

por exemplo, e o valor que se dá a cada tipo de trabalho, quais critérios são utilizados para imprimir um valor a cada função do posto de trabalho (PAULILO, 2013). No universo camponês talvez o desafio seja ainda maior, no sentido de que o quintal é considerado uma extensão da casa, e o tempo todo vive-se nesse ambiente casa-quintal produzindo os alimentos e os cuidados necessários para a reprodução da vida.

Diversos pesquisadores já tentaram fazer essa conta, embora continue sendo um desafio encontrar um ponto de equilíbrio entre levantar essas tarefas junto com os homens, e ao mesmo tempo pautar a distribuição justa entre os tempos de cada um, afinal “o trabalho em casa traz economia para a família, mas é invisível aos olhos da economia oficial, quando a mulher lava a roupa em casa, deixa de usar a lavanderia. Quando cozinha, não usa o restaurante. É um trabalho com valor econômico, sim” (CEPAT, 2005, p. 65). Esse trabalho foi calculado pelos pesquisadores do Jornal O Globo, em matéria de 11/09/2005 e chegou-se à conclusão que ele custaria 12,76% do PIB do país ou R\$ 225,4 bilhões em 2004 se essa tarefa fosse paga as mulheres naquela ocasião.

De outro lado, as diferenças salariais entre homens e mulheres ainda persistem, de maneira geral. Segundo o IBGE, em pesquisa² realizada em 2010, concluiu-se que a participação das mulheres no mercado de trabalho aumentou em 24% em dez anos. Porém, a mesma pesquisa conclui que as mulheres recebem 72,3% do valor que é pago aos homens em cargos iguais. E, além disso, as mulheres com filhos recebem quase 30% menos que as outras sem filhos.

As desigualdades salariais expressam que, se de um lado as mulheres estão ocupando mais postos de trabalho e disputando mais vagas com os homens, de outro lado, podemos considerar que são exploradas duplamente, por serem trabalhadoras e por serem mulheres. Se for negra, a situação é ainda pior. De acordo com estudos de 2013 do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) 69% das mulheres negras chefes de família recebiam em 2009, renda familiar de até um salário mínimo. O estudo conclui que entre 1995 e 2009, as famílias chefiadas por mulheres negras mantiveram-se sempre na posição de piores rendimentos, seguidas pelos homens negros, mulheres brancas e, por último, pelos homens brancos. A pesquisa aponta uma forte concentração de mulheres negras no serviço doméstico, e muitos dos pesquisadores vêem a presença negra nessa categoria como sendo uma herança arcaica da escravidão, ou seja, o serviço doméstico marca um lugar na estrutura ocupacional por gênero e raça, pela ausência de escolaridade, pela origem regional e pelos baixos rendimentos. A pesquisa também aponta que nas cidades, as famílias chefiadas por mulheres, entre 1995 a 2009, passaram de 24,8% para 37,8%. Já na população rural esse índice em 2009 era de 19%, o que pode apontar de um lado para o conservadorismo e menor abertura do universo rural às mudanças e à igualdade entre os sexos, segundo análise dos pesquisadores do IPEA.

² Carolina Montenegro, BBC Brasil, publicada em 13/05/2014.



19 a 21 de novembro de 2014
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

Se na sociedade em geral ainda persistem grandes desigualdades entre homens e mulheres, ao olhar para a realidade do campo, esta situação torna-se ainda mais evidente. O trabalho desenvolvido pela mulher na unidade familiar camponesa, além de gratuito é visto pela família apenas como “ajuda” revelando o quanto continua invisibilizado, como se não gerasse um valor econômico ou social. As tarefas de limpar, lavar, passar, alimentar, cozinhar, costurar, curar, gerar, criar e educar são tarefas costumeiramente realizadas pelas mulheres no meio rural. E mais, acrescenta-se as horas de trabalhos realizadas em torno da casa, no espaço chamado quintal, onde normalmente encontramos os pomares, as hortas, a criação dos pequenos animais, as pequenas experimentações, normalmente “cuidada” pelas mulheres e crianças. Estas atividades garantem uma boa parte da alimentação da família, como as verduras, as frutas, os ovos, os derivados de leite, parte das carnes. Porém, esse trabalho nem sempre é visualizado como trabalho importante:

Verifica-se, como consequência da presença difusa desses estereótipos, a dupla desvalorização do trabalho da mulher: seu trabalho nas atividades relacionadas à produção é considerado como sendo menor, ela apenas “ajuda”, mesmo quando seu tempo de trabalho nas atividades relacionadas à produção não é menor que o realizado pelo homem. Por outro lado, as atividades relacionadas à reprodução não são valorizadas, o que conta é o que dá dinheiro (MENASCHE; TORRENS, 1996, p. 19).

As contradições que colocam as mulheres com sobrecarga de trabalho são enormes. Segundo a organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), no mundo 70% das mulheres trabalhadoras rurais não tem remuneração, e, contraditoriamente, as mulheres não remuneradas tem carga de trabalho maior que as remuneradas.

No caso das mulheres trabalhadoras do campo no Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostragem (PNAD) revelou em 1997, que 81% das mulheres envolvidas em atividades agrícolas não recebiam nenhuma remuneração pelo trabalho. Ao não recebimento da remuneração, está atrelado o trabalho que é realizado e fica dentro da unidade familiar, ou seja, não é contabilizado como trabalho e, portanto, não gera a renda monetária como uma renda mensal. Existem mulheres, com parceiros ou não, que junto com seus filhos, dão conta de todos os afazeres domésticos mais todo o serviço da roça, organizando assim uma lógica que lhes permite sustentar materialmente e socialmente o seu núcleo familiar, porém, isto não quer dizer que elas se reconheçam como trabalhadoras geradoras desta renda.

Em 2006, as próprias mulheres rurais declararam que trabalhavam apenas 21 horas, quase metade do tempo declarado pelos homens, que foi de 39 horas semanais em média (BUTTO, 2011). Ao reconhecerem trabalhadoras da metade do

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

tempo que os homens, normalmente está sendo desconsiderado o tempo das horas gastas com o trabalho em torno das tarefas dentro do espaço da casa e nos quintais.

Para a pesquisadora argentina Andrea D’Atri, esse modelo é ideal para o sistema capitalista, pois, “enquanto desenvolve as máquinas de lavar, a industrialização de alimentos etc., mantém a privatização das tarefas domésticas para que, desse modo, o capitalista seja isento de pagar grande parte do esforço com o qual garante a reprodução da força de trabalho” (2011, p. 149).

Embora desafiador, em nossas sociedades atuais, é costume estabelecer cinco grandes categorias para o uso do tempo para as pessoas em idade ativa o que nos dá um parâmetro interessante para verificar o modo de uso dos tempos: “tempo das necessidades pessoais, tempo de trabalho doméstico, tempo de trabalho de mercado, tempo de participação cidadã, tempo de ócio” (CARRASCO, 2003, p. 31). Para Paulilo (2013, p. 293), “nas últimas décadas, as tentativas de tornar visível a sobrecarga das mulheres tem posto ênfase nos estudos de uso do tempo por ambos os sexos”.

Em depoimento sobre uma visita que fez ao Mato Grosso do Sul, Rose Marie Muraro teceu o seguinte comentário sobre o modo de vida das trabalhadoras rurais da região:

Quem trabalha com as mulheres rurais sabe que elas não têm descanso, trabalham de manhã e de tarde na roça, fazem a comida, de noite cuidam das crianças doentes e ainda no sábado e no domingo lavam roupa enquanto os maridos jogam “pelada”. Quando eu falei isso para 1500 mulheres rurais no Mato Grosso do Sul, o auditório inteiro se levantou como se dissesse: “essa nos entendeu” (MURARO, 2005, p. 43).

c) *As mulheres e a agroecologia na construção da soberania alimentar*

Para as mulheres camponesas articuladas na Via Campesina, cabe resgatar aqui o conceito³ de agroecologia construído coletivamente e por onde passa sua discussão e defesa. Por esta linha de pensamento, a agroecologia transcende o conhecimento técnico e científico e perpassa o modo de relações sociais e práticas, individuais e coletivas, pautadas na luta por um conjunto de transformações profundas nas relações econômicas, sociais, políticas, culturais (leia-se também patriarcais). Assim, para as mulheres da Via Campesina, a agroecologia pode ser pensada como:

“Parte de nossa ancestralidade e de nossa maneira dinâmica e racional de ser parte da natureza respeitando a biodiversidade, seus ciclos e seu equilíbrio. É uma de nossas formas de luta contra o avanço do capitalismo e

³ Conceito construído coletivamente a partir de Barinas-Venezuela com representantes de 46 organizações de 16 países, no I Encontro de Formação de Formadores (as) em Agroecologia, em 10 a 20 de agosto de 2009.



19 a 21 de novembro de 2014
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

toda forma de dominação, por isso, uma construção política, popular, social, cultural, ancestral, científica, econômica, estratégica e de classe (Via Campesina, 2009, p. 1)."

Na medida em que o debate do conceito de agroecologia resgata as tradições camponesas de relação com a natureza, coloca-se em contradição com o modelo capitalista depredatório que tem como objetivo o acúmulo de capital. Ao mesmo tempo, promove a denúncia de que o capitalismo transforma tudo em mercadoria, inclusive a água, a terra, o ar, os alimentos. Ao optar pela relação de equilíbrio com a natureza, põe-se como ciência política que se contrapõe ao tradicional modelo de latifúndio e ao "moderno" modelo do agronegócio, que combina com exploração de trabalhadores, êxodo rural, analfabetismo e pobreza.

No que se refere ao protagonismo das mulheres, vale a pena destacar que nos últimos anos, as mulheres organizadas através da Via Campesina, protagonizaram as ações mais radicais posicionando-se nas lutas contra hegemônicas. De modo especial, as ações realizadas anualmente no dia 8 de março em vários Estados do país, agregando mulheres camponesas sem terra, indígenas, quilombolas, pequenas agricultoras, tem sido uma mostra do potencial denunciador das mulheres camponesas.

A Jornada Nacional, promovida pelas mulheres camponesas em 2013 pautou a denúncia contra o capital estrangeiro na agricultura, contra o agronegócio e pela soberania alimentar⁴. Em 2014 o lema foi Mulheres Sem Terra na luta contra o capital e pela Reforma Agrária. No caso do Mato Grosso do Sul, em 2013 cerca de 600 mulheres mobilizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e Via Campesina em Nova Alvorada do Sul, cidade que detém histórico expressivo de número de usinas, protestaram na BR 163, fizeram marcha e denunciaram a contaminação do Aquífero Guarani pelos agrotóxicos e os monocultivos da cana de açúcar. Nos últimos anos, 2013 e 2014, as mulheres da Via Campesina e do MST no Mato Grosso do Sul, convidaram as mulheres indígenas para aglutinar-se em torno das lutas comuns, como as que denunciam os impactos das usinas sobre a vida e o meio ambiente. Estas ações locais tendem a se fortalecer quando se agrega às lutas mais amplas com as mulheres camponesas de vários movimentos sociais do campo e em todos os estados do Brasil. Portanto, para as mulheres da Via Campesina, a agroecologia, mais que ciência e técnica, é fundamentalmente

Necessária para que os povos garantam a soberania alimentar e energética para a emancipação humana, também, a agroecologia é vital para o avanço da luta dos povos para a construção de uma sociedade onde não haja propriedade privada dos meios de produção e dos bens naturais, sem nenhum tipo de opressão e

⁴

Pesquisar: www.mst.org.br/Jornada Nacional das Mulheres Camponesas.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol 9, No. 4, Nov 2014



19 a 21 de novembro de 2014
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

exploração, cujo fim não é a acumulação (Via Campesina, 2009, p. 2).

Nesse sentido, os movimentos sociais articulados na Via Campesina têm cada vez mais levantado a bandeira da soberania alimentar como um conceito que tenta aglutinar em si um conjunto de referenciais teóricos que vão se tornando um paradigma na luta de mulheres e homens dos movimentos sociais do campo na América Latina e no Brasil. Esta articulação tem reflexos em grande parte dos assentamentos, vinculando as lutas das mulheres camponesas às lutas mais amplas pelo direito às condições dignas de vida, e por isto o tema da soberania alimentar refere-se à um novo paradigma no debate sobre o tema da alimentação.

A Via Campesina “criou e tem insistido na ideia de soberania alimentar. Por trás deste conceito está um conflito de modelos de agricultura (e de mundo) que alguns autores têm identificado como de contra hegemonia” (VIEIRA, 2012, p. 205). Este conceito tem sido estudado também por Medeiros, para quem:

Ao resgatar o termo camponês como articulador da diversidade de categorias existentes no meio rural, a Via Campesina posiciona-se contra os efeitos da globalização e das políticas neoliberais no campo, em especial no que se refere ao empobrecimento, à destruição das culturas locais, do meio ambiente e à provocação de desenraizamento dos trabalhadores do campo e migrações (MEDEIROS, 2003, p. 66).

Temos visto em nossas pesquisas de campo que grande parte das mulheres assentadas praticam técnicas de agroecologia mesmo sem ter acesso ao conhecimento mais elaborado do que seriam as bases desta ciência. A prática que vem sendo cultivada pelas mulheres diz respeito a conhecimentos geracionais, que foram sendo passados de mães e avós para os descendentes, no que diz respeito à produção, técnicas de armazenamento, multiplicação de espécies, processamento de alimentos, entre outros.

Uma mulher camponesa sozinha não pratica todas as técnicas, até porque cada mulher sabe um pouco de cada coisa, e aperfeiçoou mais determinado conhecimento em função de suas práticas agrícolas. Porém, nas suas práticas cotidianas, algumas delas cultivam técnicas que nem mesmo imaginam que estão no campo da agroecologia, estudadas como ciência e valorizada como um dos aspectos que atualmente estão sendo reelaborados como conhecimento tradicional que há muito perdeu-se em função do atual modelo de produção agrícola, que empobreceu a diversidade agroalimentar, priorizou as monoculturas e os efeitos do pacote tecnológico.

Podemos dizer que as trocas de variedades em geral cumprem esta função, quando, por exemplo, favorecem que determinada variedade de planta fique



19 a 21 de novembro de 2014
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

protegida dentro de uma comunidade por várias pessoas, servindo como uma espécie de “poupança de mudas” para ser devolvida a cada vez que a pessoa que doou perde sua muda. Este processo acontece com as mudas de frutas, de flores silvestres, de árvores nativas, de flores ornamentais, de grande quantidade de alimentos, enfim, gerando uma variedade que pode ser visualizada dentro das comunidades camponesas.

A Via Campesina tem relacionado o tema da alimentação ao tema da soberania alimentar trazendo para o debate as questões relacionadas ao direito à terra, a autonomia dos camponeses na escolha do que produzir, o direito ao conhecimento para produção, o acesso a créditos agrícolas, a defesa das sementes, a transgenia, o agrotóxico, a água, a reforma agrária, enfim, é um conjunto de temas pelos quais passam a soberania alimentar. A Via Campesina elaborou em 1996, durante o Encontro Mundial de Alimentação acontecido em Roma, a seguinte reflexão sobre soberania alimentar:

É o direito de cada povo definir suas próprias políticas agropecuárias em matéria de alimentação, de proteger e regulamentar a produção agropecuária nacional e o mercado doméstico a fim de alcançar metas de desenvolvimento sustentável, de decidir em que medida querem ser auto suficientes, de impedir que seus mercados se vejam inundados por produtos excedentes de outros países que os colocam no mercado internacional mediante a prática de “dumping”. (Via Campesina, 1996)

Ademais, 2014 é, segundo a ONU, o ano internacional da agricultura familiar, que no Brasil, foi ampliado para “Agricultura Familiar, Camponesa e Indígena”, e faz parte deste conjunto temático, o lançamento do Plano Nacional de Agroecologia no ano de 2013, que vem sendo construído com participação de setores da sociedade civil, e entre seus objetivos está o de ampliar o debate e fortalecer as práticas existentes. Neste mesmo sentido, as mulheres ligadas à Articulação Nacional de Agroecologia produziram um breve texto em 2014 intitulado “As Mulheres no Plano Nacional de Agroecologia”, onde afirmam que:

As experiências revelam que as mulheres rurais se identificam bastante com o modelo agroecológico, uma vez que este valoriza as atividades tradicionalmente desenvolvidas pelas mulheres (hortas, pomares, criação de pequenos animais, transformação caseira de produtos), envolvendo-as nas etapas do processo produtivo na unidade familiar. Além disso, a forma pela qual se dá a transição agroecológica pressupõe a participação de todos os membros da família, uma vez que esse processo exige a integração do conjunto das atividades da propriedade, muitas vezes sob a responsabilidade



19 a 21 de novembro de 2014
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

de diferentes pessoas, quebrando o monopólio gerencial do homem (Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia, 2014).

Conclusões

As mulheres camponesas tem cumprido papel fundamental na prática da agroecologia. O modo de agricultura praticado em torno do sustento da unidade familiar, geralmente tem sido realizado em sistema de integração entre pomar, horta, jardim, bosques, o que potencializa o sistema agroecológico. Além disso a integração do conjunto que abrange saúde, alimentação, garantia da vida, fortalecem os procedimentos da agroecologia.

As mulheres camponesas, embora geralmente trabalhem muito, tem seu trabalho invisibilizado pelo modo de como é organizado o mundo do trabalho no campo. Lutar para dar visibilidade ao trabalho das mulheres camponesas e tentar medir seu potencial ainda é desafiador para as pesquisas de gênero. Porém, esse desafio precisa ser problematizado porque manter a situação de exploração do trabalho da mulher no campo, está longe de ser uma posição de neutralidade.

Os desafios são muitos, contudo, as práticas agroecológicas gestadas em grupos, em unidades familiares, em associações, grupos de indígenas, quilombolas, camponeses, de mulheres, de jovens, e outros, às vezes, até bastante tímidos, têm cumprido a importante função de cuidar para que a vida humana seja preservada, mostrando que existe outra lógica para além do acúmulo de capital.

Agradecimentos: à FUNDECT e CAPES pela Bolsa de Demanda Social.

Referências bibliográficas

BUTTO, ANDREA. Política para as mulheres rurais: autonomia e cidadania. In: BUTTO, ANDREA; DANTAS, ISOLDA (org.). **Autonomia e cidadania:** políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011.

CARRASCO, CRISTINA. In: **A produção do viver.** NOBRE, Miriam; FARIAS, Nalu (org.). Sempre Viva Organização Feminista (SOF). São Paulo: 2003.

D'ATRI, ANDREA. Feminismo e marxismo: 40 anos de controvérsias. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, n. 27, p. 142-156, 2011.

FABBRI, LUCIANO. Um olhar feminista sobre os sujeitos da transformação social em Nuestra América. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, n. 27, p. 172-185, 2011.



19 a 21 de novembro de 2014
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

FARIA, NALU; NOBRE, MIRIAM. **Gênero e Desigualdade**. São Paulo: SOF, 1997.

FARIAS, MARISA DE FÁTIMA LOMBA DE. Mulheres no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). In: TEDESCHI, Losandro Antonio (org). **Leituras de gênero e interculturalidade**. Dourados: Editora UFGD, 2013.

MAFORT, KELLI CRISTINE DE OLIVEIRA. **A hegemonia do agronegócio e o sentido da Reforma Agrária para as mulheres da Via Campesina**. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2013.

MEDEIROS, LEONILDE SERVOLO. **Reforma Agrária no Brasil** – história e atualidade da luta pela terra. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

MENASCHE, RENATA; TORRENS, JOÃO CARLOS SAMPAIO. **Gênero e Agricultura Familiar**. DESER/CEMTR/PR. Curitiba: Deser, 1996.

MURARO, ROSE MARIE. **Aspectos históricos e políticos da violência contra as mulheres**. Revista CEPAT Informa, n. 126, Especial, Set. /2005.

SAFFIOTI, HELEIETH IARA. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, JOAN. **Gênero: Uma categoria útil de análise**. Revista Educação e Realidade. Jul./dez. 1995: p. 71-79.

SILVA, RENATA. **As relações de gênero sob o domínio do capital**. Mimeo. s/d.

SENRA, LÍDIA; LEÓN, IRENE. Las mujeres Gestoras de la Soberanía Alimentaria. In: **Las mujeres alimentan al mundo**. Soberania alimentaria em defensa de la vida y del planeta. Barcelona: Entrepueblos, 2009.

PAULILO, MARIA IGNEZ S. **FAO, Fome e Mulheres Rurais**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 56, n. 2, 2013, p. 285-310.

VIA CAMPESINA, **Declaración sobre la Soberanía Alimentaria de los Pueblos – 2009**. Disponível em: <http://www.viacampesina.org>. Acesso: jun. 2013.

VIEIRA, FLÁVIA BRAGA. Articulações Internacionais “desde abaixo” em tempos de globalização. In: GONH, Maria da Glória; BRINGEL, Breno (orgs.). **Movimentos Sociais na era global**. Petrópolis: Vozes, 2012.